

Sessões

Entrevista

CAPA
 OPINIÃO
 ENTREVISTAS
 ARTIGOS
 PÓSTER
 PRÁTICA
 NAVEGANDO
 LER E LER
 FÓRUM
 TESES
 GALERIA
 NOTÍCIAS
 DOWNLOAD
 UM MINUTO
 IMAGEM
 ENSAIO
 LEITURA
 MEMORIA
 CATÁLOGO
 SUPLEMENTO
 ESTATÍSTICA



Sebastião: Não houve nenhuma pressão?

Prof. Domingos: Não, não. Nenhuma pressão. Absolutamente nenhuma. Na verdade, a pressão foi pessoal, minha.

Sebastião: Foi íntima.

Prof. Domingos: É. Eu acho que era uma posição muito estranha eu ser chefe e, ao mesmo tempo, o menos graduado de todos: o Ivan é doutor, o David é doutor, o Poli é doutor, e todos os outros são mestres. O único que era apenas “especialista”, era eu.

Antonello: Não. Tem notório saber! Tinha o título de notório saber. Como o título equivale a doutorado, e o senhor tinha alunos na pós-graduação...

Prof. Domingos: Quando eu tinha algum projeto de pesquisa, alguém tinha que fazer em meu lugar, porque eu não era doutor. Do ponto de vista formal, do CNPq, eu não estava habilitado!

Sebastião: E como é que o senhor fazia, o senhor levava isso naturalmente ou ficava...

Prof. Domingos: Isto me incomodava bastante.

Antonello: Ele foi o primeiro coordenador da pós-graduação na PUC.

Prof. Domingos: Na verdade, a pós-graduação, aqui, começou comigo. Quer dizer, o projeto inicial da pós-graduação foi aprovado quando eu era coordenador.

Antonello: Era doutor, equivalente na lei; o senhor tinha alunos na pós-graduação... Só que nós não o conseguimos convencer disso (riso)

Prof. Domingos: É. Isso não existe, não é. (riso) Isso não existe.

Sebastião: O senhor desenvolveu trabalho lá na Paulista?

Prof. Domingos: Sim.

Sebastião: O senhor ficou aqui, como é que foi?

Prof. Domingos: Na verdade, devo meu doutorado ao indivíduo fantástico que é o Nestor (com quem já discuti muito no passado) (risos); acho que nós discutíamos em todos congressos. Discutíamos e tal, mas o Nestor é uma pessoa maravilhosa.

Sebastião: É um cientista.

Prof. Domingos: Do mais alto nível, e um ser humano especial. Um dia falou para mim:

- O Professor Doutor Domingos d'Avila...- Respondi: - Não, não sou Doutor...- Qual o problema? Você pode ser: pela Escola Paulista! Fez com que eu mandasse todos os documentos e defendeu minha entrada no curso. Eu tinha um projeto de pesquisa já em andamento.

Sebastião: E o senhor já terminou?

Prof. Domingos: Sim. Terminei em dezembro.

Sebastião: Não é uma das coisas que o senhor está escrevendo, não?

Prof. Domingos: Não. Terminei tudo em dezembro.

Sebastião: Professor, agora eu queria tocar no assunto mais chatinho...

Prof. Domingos: Sim.

Sebastião: Se o senhor não se sentir à vontade, nós encerramos aqui a coisa, agora. É a questão do filho do senhor. O Dr. Emil também teve um problema grave com o filho dele, e isso foi um fato que marcou muito na entrevista dele. O Dr. Emil ficou extremamente emocionado, quando eu estava perguntando, lá e tal, porque essas coisas são coisas extremamente delicadas e pessoais, mas que no final das contas determinam muito, mudam as pessoas demais. Muitas vezes a gente fica mais tolerante, ou menos tolerante, depois que passa por uma adversidade desse tipo. Questão do filho do senhor, como é que foi essa história?

Prof. Domingos: Bom, como é que eu vou te explicar... Em primeiro lugar, nunca se está preparado, não é Sebastião, para perder um filho.

Sebastião: Claro.

Prof. Domingos: E acho que o que aconteceu foi um negócio assim totalmente absurdo. O meu filho ia a uma festa à noite e...

Sebastião: Foi esse filho que nasceu aqui?

Prof. Domingos: É. Foi o que nasceu logo que chegamos aqui, voltando dos Estados Unidos.

Sebastião: O senhor teve só dois filhos?

Prof. Domingos: Não. Tivemos três filhos. Nós tivemos 2 meninas e esse menino.

Sebastião: Ele era o caçula ou o do meio?

Prof. Domingos: Ele era o do meio, logo depois de nossa filha mais velha (tinham 1 ano de diferença).

Sebastião: Ele tinha quantos anos?

Prof. Domingos: 22.

Sebastião: Vocês eram amigos, conversavam?

Prof. Domingos: Sim, muito. Ele estava estudando direito; estava no 3º ano.

Sebastião: E aí houve o acidente.

Prof. Domingos: É. Houve o acidente; ficou em coma durante algum tempo.

Sebastião: Nessa época, o senhor estava já só aqui na PUC?

Prof. Domingos: Sim. Faz agora, ou fez agora, 11 anos que...

Sebastião: Tem 11 anos?

Sebastião: E como é que o senhor elaborou essas coisas. O senhor acha que isso acabou mudando um pouco o senhor, ou mudou muito?

Prof. Domingos: Não sei, Sebastião, se mudou ou não. Acho que mudar a minha forma de ser, não. Na verdade o que esse tipo de perda ocasiona é...

Sebastião: Algum sentimento de culpa?

Prof. Domingos: Não, não. Mas é a sensação de uma perda irreparável: perdeu-se um pedaço da tua vida que é irrecuperável. Acho que é isso que acontece com a gente. Era meu único filho homem, uma pessoa extremamente inteligente (muito mais do que eu), com uma aguda percepção do ridículo das coisas formais da vida, que ele desnudava instantaneamente. Mesmo as coisas formais têm seu lado ridículo, não é? Ele era capaz de enxergar isto e fazer rir.(riso)

Sebastião: Mostrar que o rei estava nu. Teve morte súbita?

Prof. Domingos: Sim. Ele teve morte súbita. Esta é uma experiência terrível.

Sebastião: Na verdade, essas coisas acabam influenciando demais, acho que ninguém, realmente - como o senhor disse - ninguém está preparado para isso.

Prof. Domingos: Perder um filho é a maior perda que alguém pode ter. Nós estamos preparados para perder mãe, pai, perder irmãos, mas a geração que nos segue não é para ser perdida, Sebastião.

Sebastião: Professor, e como é que o senhor vê o seu futuro. Por exemplo, como é que o senhor está se vendo aqui? Até quando vai ficar na PUC? O que o senhor está pensando? Quer aposentar já e só ficar por conta do golf ou não?

Prof. Domingos: Não. Eu acho que venho adiando minha aposentadoria há vários anos. Há uns dez anos atrás, eu dizia que exercer a medicina depois dos 65 anos é muito perigoso...

Sebastião: Porque?

Prof. Domingos: Por que eu achava que depois dos 65 anos o nível de atenção é menor.... Achava!
(risos)

Noemia: Tu tinhas 55...

Sebastião: Vamos com calma, não é a opinião que o senhor tem hoje...

Prof. Domingos: Eu achava, não é, que depois dos 65 anos o nível de atenção diminui, o preparo físico para acordar de madrugada, atender paciente, ficar longas horas no hospital, tudo isso fica mais difícil.

Sebastião: Isso aí não precisa estar nos 65 anos, não.

Prof. Domingos: Mas diminui muito! Então, achava até que ser médico, após os 65 anos, pode ser perigoso para os pacientes. Dizia: acho que aos 65 anos vou deixar a medicina e vou fazer alguma outra coisa...

Noemia: Por exemplo?

Prof. Domingos: Por exemplo? Até pensei em me voltar para um negócio que é um hobbie que tenho (mas que não tenho praticado com frequência), que é cozinhar. Gosto de cozinhar; mas não tenho feito, ultimamente, por várias razões. Brincava: acho que depois dos 65 vou abrir um restaurante!

Sebastião: O senhor gosta de cozinhar, mas a esposa do senhor detesta quando o senhor vai para cozinha?

Prof. Domingos: Exatamente.

Sebastião: A bagunça que o senhor faz...

Prof. Domingos: É, eu faço muita bagunça (riso). Em geral, eu só posso cozinhar nos fins-de-semana, quando a empregada não está...

Sebastião: E aí sobra para todo mundo...

Prof. Domingos: Não, sobra para ela! Então, há um veto formal, atualmente. (risos) Não me atrevo, Sebastião. Não me atrevo, porque durante um tempo...

Sebastião: Conheço essa história.

Prof. Domingos: Eu não me atrevo, Sebastião, porque durante um tempo - há 5 ou 6 anos - de vez em quando a gente convidava os amigos, eu cozinhava, mas no final...

Sebastião: O que é que o senhor faz bem?

Prof. Domingos: O que eu faço bem? Depende, há várias coisas.

Noemia: Não seas modesto.

Prof. Domingos: Eu tenho muitas receitas.

Sebastião: É coisa que cada um.

Prof. Domingos: Em geral, eu gosto de fazer coisa mais complicada.

Sebastião: Complicada?

Prof. Domingos: Em geral, culinária francesa. Também gosto de descobrir receitas: esse negócio aqui, nunca fiz, vamos experimentar! A idéia da descoberta na culinária é importante. Acho que cozinhar é como trabalhar em laboratório. É como fazer um experimento, não há diferença.

Sebastião: Claro.

Prof. Domingos: É a mesma coisa: tu tens que medir quantidades; tem que usar o tempo certo, observar regras. Há um ritual que segue uma lógica, que no fundo é química e física.

Sebastião: Mas está sempre envolvido nisso, no hobbie?

Prof. Domingos: Não. Leio muito, também. Atualmente, estou lendo muito mais sobre comida e sobre vinho, do que na verdade bebendo e cozinhando. (riso)

Sebastião: Então, o senhor estava pensando em colocar uma espécie de um bar, uma coisa assim?

Prof. Domingos: Até pensei, mas isso é fora de propósito.

Sebastião: Porque?

Prof. Domingos: Porque dá muito trabalho.

Noemia: Não combina contigo esse negócio de restaurante.(fulminando)

Prof. Domingos: Não compensa, é muito trabalhoso. Acho que é uma das atividades mais trabalhosas. Trabalhar com restaurante, e manter uma qualidade adequada...

Noemia: E ter gente para trabalhar...

Prof. Domingos: É terrível.

Noemia: Começa que não há nem garçom para o serviço.

Prof. Domingos: Fora de propósito.

Sebastião: E sabendo cozinhar desse jeito, o senhor escolhe os restaurantes aqui em Porto Alegre como? Deve ser terrível: o senhor chegar no restaurante, o chefe já fica trêmulo...

Prof. Domingos: Não. Em geral vamos a poucos restaurantes. Infelizmente, Porto Alegre é um deserto culinário. Não há restaurantes, não é um lugar para se comer fora.

Noemia: Tem um, agora!

Prof. Domingos: Qual é?

Noemia: O Felipe.

Prof. Domingos: O local! Acho a comida do Felipe razoavelmente boa, mas o lugar é muito ruim. É difícil comer em um lugar que não foi preparado para isto: não consigo deixar de pensar que estou comendo na biblioteca do antigo morador, ou no quarto de vestir da filha...

Noemia: Mas eu acho que o cara tem serviço; o garçom sabe servir...

Prof. Domingos: É, o serviço é bom; a comida dele é boa.

Sebastião: Mas as lembranças são péssimas...

Noemia: Agora está melhor.

Sebastião: Come-se bem em São Paulo?

Prof. Domingos: Come-se muito bem em São Paulo!

Sebastião: Professor, o senhor disse que teve 3 filhos; o senhor não falou do terceiro, na minha entrevista. Ela vai ficar chateada.

Prof. Domingos: Mas eu nem falei da primeira!

Sebastião: Falou do segundo. E da terceira?

Prof. Domingos: Tu não me perguntaste. (riso) Eu tenho uma filha mais moça.

Sebastião: E que está em São Paulo?

Prof. Domingos: Esteve em São Paulo. Voltou agora.

Sebastião: Como é o nome dela?

Prof. Domingos: Carolina.

Sebastião: O senhor já tem neto?

Prof. Domingos: Não. Infelizmente, ainda não.

Sebastião: Mas está à espera?

Prof. Domingos: Não sei. Faz 8 anos que minha filha mais velha casou, e nada, Sebastião...

Sebastião: O Senhor está querendo?

Prof. Domingos: Ah. Até chantagem já fizemos. (risos) Já houve chantagem. Minha mulher fez chantagem, assim, direta.

Sebastião: Direta?

Prof. Domingos: Direta! Um dia, minha filha telefonou e disse que gostaria de ficar com uma pequena escultura que tinha sido de minha sogra. Minha mulher falou que a condição para levar o objeto era a chegada de uma netinha! (risos)

Noemia: Nem assim?

Prof. Domingos: Chantagem absolutamente direta, que não pegou. Mas, minha filha mais moça morou em São Paulo durante 2 anos, e agora voltou.

Noemia: E está morando contigo?

Prof. Domingos: Não, mora sozinha.

Sebastião: E faz publicidade?

Prof. Domingos: Na verdade ela é designer. Faz a parte gráfica, não faz publicidade. Trabalha mais com criação de imagens.

Sebastião: Correto. Professor, nós estamos terminando. Já estamos com quase 2 horas, e estamos no finalzinho da fita. Eu queria que a Noemia comentasse, falasse sobre o Prof. Domingos. Que fosse assim, não extensa, mas falasse alguma coisa da sua impressão do professor.



Prof. Domingos: Ela vai mentir.

Sebastião: É?

Prof. Domingos: Vai mentir.

Noemia: Não senhor!

Sebastião: Telegráfica!

Noemia: Eu quero dizer que tenho a mais profunda admiração pelo Domingos. Convivi, assim, mais próxima dele na época do Congresso. Convivemos muito, e eu acho que ele é um exemplo de professor, de integridade de pessoa, modelo. Realmente, ele é modelo. Eu acho que tive algumas felicidades na vida, como conviver com Dr. Oswaldo Ramos, que foi meu orientador de doutorado; convivi com o Dr. Oly Lobato (na fase áurea do professor Oly Lobato) e, em igualdade de condições, o Domingos, acho que ele é, assim disparado, a pessoa mais ética da Nefrologia do Rio Grande do Sul. Acho que ele soube formar um grupo. Hoje, tu falas: qual é o grupo de Nefrologia no Rio Grande do Sul? É o grupo do Prof. Domingos, atuando em todos os níveis: em diálise, em transplante, em ensino, em pesquisa; e depois, tem a figura do professor que é ele.

Prof. Domingos: Não disse que ia mentir?

Noemia: Mas é verdade!

Prof. Domingos: Isso é porque nós nos amamos. (risos)

Noemia: Nós nos amamos, mas é verdade. Sabes que eu sou crítica.

Sebastião: Antonello, e a sua opinião sobre o professor?

Antonello: Olha, o que eu mais admiro, e me fez seguir essa trajetória junto com o grupo do professor Domingos, é que o professor Domingos é um sujeito inquieto. Eu acho que é aquela coisa do lema da bandeira - ordem e progresso, Nem tanta ordem, mas muito progresso (risos). Muita luta, às vezes no meio de alguma desordem, e uma coisa principal que eu acho que nenhum de nós, do nosso grupo - e isso é importante, isso a gente aprendeu com o Dr. Domingos - sabe viver sozinho. Sozinho, que eu digo, é sem estar colaborando em alguma coisa, ajudando nisso, ajudando naquilo, bota o olho aqui, mais outro lá, o transplante é nosso, a diálise é nossa, a nefrologia clínica é nossa, a pesquisa é nossa. Não existe uma coisa assim: não, isso não é a minha praia! É o único lugar que acho que eu podia ser nefrologista. Nefrologista de verdade: nefrologista, e não um pedacinho, sabe, de mim mesmo.

Prof. Domingos: Bom, eu acho que isso vocês é que fizeram, não é? (risos)

Sebastião: Professor, terminando: o senhor votou no Lula?

Prof. Domingos: Não, não votei no Lula.

Prof. Noemia: Não?

Sebastião: O senhor votou em quem?

Prof. Domingos: Não votei no Lula. Não porque não goste dele. Isto pode parecer paradoxal, por que nas últimas 5 eleições no Rio Grande do Sul - para a prefeitura e o governo do Estado - votei com o PT. Sou simpatizante; simpatizo intensamente com o PT, mas tive muito medo de que o Lula não conseguisse governar! Por isto, não votei nele.

Sebastião: Votou no Serra?

Prof. Domingos: Votei no Serra. Achei que o Lula não conseguiria governar. Erro meu. Não imaginei a capacidade política dele.

Sebastião: E o senhor acha que nós estamos indo bem?

Prof. Domingos: Não sei se estamos indo bem, ou não. Acho que no mundo globalizado, não há muita chance de mudança. Não há grandes áreas de manobra. Ainda que eu esteja, hoje, muito mais à esquerda do que quando jovem, eu diria que, definitivamente...

Noemia: Mas, tu te lembra do discurso que o Domingos fez no Congresso?

Sebastião: Me lembro. Aqui no Rio Grande do Sul.

Noemia: Aqui no Rio Grande do Sul, em plena campanha do Olívio.

Sebastião: Professor, mas isso é exatamente o contrário, a gente vai amadurecendo vai caminhando mais para direita, essa coisa toda. (*soltando farpas*)

Noemia: Mas ele é um ser surpreendente.

Sebastião: Lula foi incendiário na juventude e virou bombeiro na maturidade...

Prof. Domingos: É, é provável.

Sebastião: Muito bem. Professor, eu queria saber se o senhor teria alguma coisa que achou que eu ia perguntar, não perguntei. Aliás, o que o senhor está fazendo, atualmente, em pesquisa?

Prof. Domingos: Atualmente? Estou levando adiante as coisas da tese.

Sebastião: E está sempre na pesquisa clínica?

Prof. Domingos: É. A gente está escrevendo uma porção de coisas. Acho que o Ivan tem uma linha de pesquisa muito boa, sobre hipertensão e sal; o Poli tem a linha de hipertensão na gravidez e L-argina, transporte de membrana, óxido nítrico. Agora, a Ana estão entrando na mesma área, com avaliação do transporte peritoneal em CAPD...

Sebastião: Vocês têm mestrado, aqui?

Prof. Domingos: Temos mestrado e doutorado.

Sebastião: Correto.

Antonello: Na realidade, em Clínica Médica, com concentração em Nefrologia.

Sebastião: Está certo. Alguma pergunta que a gente esqueceu de fazer?

Prof. Domingos: Não, acho que não. Vocês reviraram toda a minha vida. (risos) Não sobrou nada.

Sebastião: Quero perguntar tudo, afinal saí de Uberlândia, vim rezando, morrendo de medo de avião...

Antonello: Ele é solidário contigo, é medroso.

Prof. Domingos: Este negócio de avião... Tu sabes que já deixei de ir a Congresso por medo de voar?

Sebastião: Eu estava convidado em Goiânia; ia participar de uma mesa de hipertensão arterial. Tudo certo. Congresso de Hipertensão, e cismeique o avião ia cair. Fui direto para a televisão, saber qual era o desastre. (risos) O Paulinho, lá da cardiologia, ficou p da vida.

Prof. Domingos: Igual a mim. Deixei de ir a, pelo menos, 2 ou 3 congressos, por que tinha absoluta certeza que o avião ia cair...

Sebastião: Mas é terrível isso, não é? O senhor melhorou? Tem melhorado? Quando está com a família, o senhor fica mais valente?

Prof. Domingos: Não, em geral, viajo com minha mulher.

Sebastião: O senhor fica mais valente com ela?

Prof. Domingos: Não, hoje superei isso. Se bem que ainda sue nas mãos, na decolagem...

Antonello: Acho que a SBN ajudou a superar. Foi quando ele foi Presidente. Nós íamos todo mês a São Paulo.

Sebastião: E como é que foi essa experiência? Nós não falamos sobre isso não.

Prof. Domingos: Acho que foi muito boa.

Sebastião: Gostou? Repetiria ou não?

Prof. Domingos: Não. Acho que isso a gente faz uma vez, Sebastião. (risos)

Sebastião: É muito elegante. (risos) Olha, se o senhor tivesse nascido em Minas! (risos) Mas só faz uma vez na vida.

Prof. Domingos: É como ser presidente de Congresso, também, não é?

Sebastião: Claro.

Prof. Domingos: A gente só faz uma vez. Prova, e chega.

Sebastião: Dr. Domingos: então, muito obrigado pela paciência, pelo tempo. Uma das coisas que mais eu recordo do senhor foi quando, no Congresso de Nefrologia aqui em Porto Alegre, no final do Congresso, o senhor, elegantemente, cumprimentando todos os funcionários, dos mais humildes que estavam lá presentes, todos perfilados, assim, nas laterais. Eu, por um acaso, fiquei até o fim. Acho que era um dos únicos médicos que estavam sentados atrás, à esquerda. Fiquei olhando. Achei extremamente elegante; uma coisa que nunca tinha visto, agradecendo um por um...

Prof. Domingos: Sabes que, a rigor, não lembro disso, Sebastião. É engraçado.

Noemia: Tu não lembras?

Prof. Domingos: Não lembro. O Sebastião chamou a atenção disso, mas foi (não é para pretender qualquer coisa) - talvez tenha sido - totalmente espontâneo, não é?

Sebastião: Sem dúvida, não foi programado. Claro, eu vi que não. Eu vi que não, e que era coisa, assim, tão natural; acho que isso aí traduz o perfil do senhor. Está bom?

Prof. Domingos: Está bom, Sebastião.

Sebastião: Mais alguma coisa Antonello? Falou se pouco sobre a SBN, não é?

Fim

Contatos

ESCREVA
E-MAIL
PESQUISE
EDITOR
AVISO

Edições Anteriores

1 2 3

4

5 6 7

8

9 10

Em Formato Antigo



Copyright © 2001 Medicina On line - Revista Virtual de Medicina